

Pedro Paulo Machado Bastos

# A trilha de caminhos tortos e modestos para uma cidade “aberta”

Lançada em agosto de 2018 no Brasil, a mais nova obra do prestigiado sociólogo estadunidense Richard Sennett intitulada “Construir e habitar: ética para uma cidade aberta” [do original em inglês *Building and Dwelling: ethics for the city*] é o último livro de uma trilogia na qual o autor se dedicou a estudar o Homo Faber em diferentes interfaces. Aqui, esse Homo Faber se refere àquele indivíduo que produz o mundo através do seu trabalho numa associação íntima à perspectiva de Hannah Arendt, que, inclusive, foi professora de Sennett em tempos passados. No contexto da vida urbana à qual se debruça, o Homo Faber produz materialmente a cidade da mesma maneira que esta é

reproduzida pela maneira como os seus pares a transformam e a ressignificam através da socialização. Daí a separação categórica e importante que emprega para compartimentar suas reflexões já reforçadas no título da obra: “construir” e “habitar” são pontos distintos, mas ampla e intimamente relacionados em prol de uma boa vida urbana.

A esse “construir” e “habitar”, Sennett se apropria da genealogia conceitual de *ville* e *cit *, respectivamente, para analisar de que maneira o desenho urbano influencia as nossas rela es sociais cotidianas. Em outras palavras, questiona em que medida a *ville*, como sin nimo grosseiro de cidade em sua abrangência – na rela o do seu ambiente construído com a malha viária

**Pedro Paulo Machado Bastos**

*  doutorando em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Também atua como pesquisador e consultor em mobilidade urbana no Laboratório de Mobilidade Sustentável (LABMOB), do Programa de Pós-Gradua o em Urbanismo (PROURB), da UFRJ.   editor da revista eletr nica de estudos urbanos e regionais e-metropolis.*

[pedromacbast@gmail.com](mailto:pedromacbast@gmail.com)

que permite a nós circular por e entre esses blocos de concreto –, consegue combinar-se harmoniosamente com a *cit *, tratada como o modo de vida em um determinado lugar.

Contemporizando o rapto ideológico de *cit * apontado por ele como emblemático do caso da Frana (em que *cit * ganhou um sentido pejorativo ao tornar-se metonímia do *modus vivendi* de periferias pobres), o autor mostra que essa combinao equilibrada entre *cit * e *ville*   quase impossível atualmente haja vista a ocorrência de uma série de projetos urbanos nefastos que “empobrececeram a experiência urbana” do habitante, levando a cidade a uma espécie de divórcio entre essas duas dimensões ao longo do tempo. “A experiência numa cidade, como no quarto ou no campo de batalha, raramente é harmoniosa, mostrando-se com muito maior frequência cheia de contradioes e arestas”, problematiza.

Nesse raciocínio, a reconciliao entre *cit * e *ville* percorreria uma trilha de caminhos “tortos” e “modestos” para se chegar a uma cidade “aberta”, considerada o tipo ideal pelo autor. O “torto” diz respeito ao descompasso entre aquilo que se prevê e aquilo que se vive. O desafio em saber equilibrar e harmonizar o trabalho dos arquitetos e urbanistas em relao ao poder de ressignificao coletiva de seus projetos arquitet nicos e urbanísticos pelos habitantes (*urbanitas*) a favor de uma realizao mais espontânea da cidade é um dos pontos críticos levantados. Dito de outro modo, significa dizer que a forma construída tem consequências que nem sempre são aquelas pretendidas pelo urbanista.

O exemplo da Paris de Georges-Eug ne Haussmann, introduzido logo no segundo capítulo,   emblemático de como o propósito de implementao de amplos bulevares cruzando a capital francesa de norte a sul, no século XIX, voltados originalmente para conferir uma melhor circulao de canhões e impor outros mecanismos de controle social, acabou sendo “atropelado” no meio do caminho. Uma vez percebida que a construo de moradias para as novas classes m dias junto a esses bulevares seria interessante do ponto de vista da preservao da fluidez da mobilidade a favor de um maior controle social (“por não ser provável que esses cidadãos jogassem seus bens pela janela para montar barricadas”), ao fim e ao cabo, contribuiu para configurar uma *cit * cujo estilo de vida aburguesado e pouco ameaador ao regime deslocava o problema original para outros rincões. Ou seja, o retalhamento do território parisiense em amplos bulevares, ao invés de funcionar como uma estratégia de constrangimento efetivo e simbólico das camadas mais insurgentes tal como se previa, no fim de contas se furtou desse propósito original   medida que contribuiu para transferi-las para outros espaos,

engendrando consequentemente uma reestruturao da *ville* a partir de uma nova estratificao social do uso e ocupao do solo.

Uma possibilidade de reequilibrar essa relao entre urbanistas e *urbanitas* – e entre *ville* e *cit * – seria o apelo   “modéstia”, num sentido em que os responsáveis pelo “fazer a cidade” deveriam levar em conta a possível maneira como o objeto construído poderia evoluir e como seu uso mudaria. Muitas das vezes, esse “fazer cidade” é derivado de “inovaoes arbitrárias”, argumenta. Assim, para se construir a *ville* seria importante dispor de um saber intuitivo, em grande parte proporcionado pela forma como conhecemos e concebemos o lugar e o espao através da nossa convivência com os nossos pares, mas sobretudo com os “outros” na *cit *. Esses “outros” podem ser entendidos, aqui, como os sujeitos social e culturalmente distantes daquele grupo social que vive, percebe e faz a cidade a partir de algum ponto de vista. Dispor desse saber intuitivo permitiria flexibilizar a *ville*, destinando-lhe brechas para a apropriao espontânea e irrefletida por “nós” e pelos “outros” em constante comunhão.

Eis o caminho  tico para se chegar a uma cidade “aberta”, argumento principal desta obra. A cidade “aberta” é aquela capaz de proporcionar um espao permeável de encontros, repleto de fricoes. São essas fricoes que amortecem as arestas e impulsionam as contradioes t picas da nossa sociedade de modo a torná-las “acontec veis” num tête- -tête cotidiano que não se observa nos guetos ou condomínios-fechados. Sennett considera essas últimas formas urbanas intimamente particulares de um tipo de “fazer cidade” problemático e inflexível.

A elas, faz críticas contundentes ao Google por sua participao no empobrecimento da experiência urbana. Em primeiro lugar, pela construo do Googleplex, complexo de edifícios corporativos que formam a sede da empresa em Nova York, próximo ao Greenwich Village. O autor define o Googleplex como um tipo de gueto sem vínculo com a cidade, cujos empregados dispõem de qualquer coisa que possam desejar sem que precisem sair dali. Não obstante a belíssima estrutura projetada pelos badalados arquitetos Bjarke Ingels e Thomas Heatherwick, e que é bastante característica do imaginário propagado pelas indústrias criativas deste início de século, Sennett questiona até que ponto esses ambientes voltados a si mesmos, que “confinam” pessoas mais ou menos iguais umas às outras, estimulariam a própria criatividade da qual a empresa se vale para impulsionar seu negócio. Para o autor, é nessa zona de frico provocada pelos encontros entre diferentes tipos sociais onde reside o germe da inovao, segundo sua premissa.

Em segundo lugar, reflete que aplicativos como o Google Maps, embora exitosos e revolucionários em seus propósitos de orientação de destino, ao mesmo tempo implicam “efeitos embotadores” na cité ao reduzir a experiência dos deslocamentos, tornando-os uma reta simples e tediosa entre um ponto A e B. Livrando o usuário da fricção (aludindo à expressão cunhada por Bill Gates para se referir às tecnologias que facilitam as coisas para as pessoas), o Google Maps simplifica as experiências de convivência na rua a favor de deslocamentos objetivos e segmentados que estreitam os nossos aspectos cognitivos de fruição da cidade, especialmente quando realizados em veículos motorizados que circulam em altas velocidades.

Para desenvolver suas ideias sobre como um “urbanita competente” pode contribuir com uma cidade aberta, Sennett se beneficia, mas também se distancia sutilmente das contribuições de referenciais teóricos hoje consagrados no campo dos estudos urbanos e regionais, como Henri Lefebvre e Jane Jacobs. Inclusive, esse propósito foi desafio lançado pela própria Jane Jacobs ao ser respeitosamente criticada pelo mesmo autor décadas antes. “O que você faria, então?”, questionou ela. Para Sennett, Jacobs não dispunha de “uma ideia clara sobre como extrapolar do local para o urbano”, a exemplo de sua notável, embora localista experiência como ativista de bairro no mesmo Greenwich Village onde hoje se localiza a sede do Googleplex de Nova York.

Neste caso, a competência do urbanita equivale a mostrar como os cidadãos podem fazer o melhor uso da sua existência nas cidades, mesmo diante de um ambiente construído que, por vezes, adquire o caráter de obstáculo no seu dia a dia. O caminho das pedras sugerido constitui-se de conselhos aparentemente simples e prosaicos, mas inspiradores.

O primeiro conselho, de “tocar, ouvir, cheirar um lugar”, seria categórico da possibilidade de o cidadão conseguir desenvolver um conhecimento corporificado da cidade que, conseqüentemente, o levaria a um saber mais intuitivo sobre ela – vide a experiência relatada sobre os meninos pobres de Medellín, qualificando-os como verdadeiros “safos urbanos” por se mostrarem pessoas que aprenderam a “se virar” na cidade. Já o aconselhamento da busca por um “conhecimento ambulante”, para ele, residiria justamente

nas experiências de convivência e de passagem pelos lugares desconhecidos, experiências estas que o Google Maps aparentemente estaria furtando das pessoas mediante o emprego de uma tecnologia bem-sucedida, mas altamente prejudicial. Aqui, Sennett elogia a figura clássica do flâneur, que caminha pela cidade despropositalmente para conhecê-la, como um hábito interessante para a “reabertura” da cidade; para ele, os flâneurs seriam donos de um bom conhecimento ambulante.

Já no conselho de se realizar “práticas dialógicas – falar com estranhos”, Sennett afirma que as pessoas não são cópias fiéis umas das outras e que, portanto, nossas falas, quando interagidas, são repletas de mal-entendidos, desejos não manifestos, insinuações involuntárias e ambiguidades que enriquecem a experiência de aproximação e aprendizado com o “outro”. Por fim, o último conselho tem forte correlação ao anterior ao definir o “urbanita modelo” como uma espécie de “migrante” que se permite viver e redescobrir sua própria condição de existência em lugares desconhecidos como uma forma de estimular constantemente sua capacidade de reinvenção. À medida que se permite ser “estrangeiro”, é como possibilita o desenvolvimento de novas possibilidades de cognição, além daquelas já natas.

“Construir e habitar: ética para uma cidade aberta” apresenta uma densidade de informações e raciocínios que, em parte, se deve à própria complexidade do tema, mas que também é marca registrada de Richard Sennett, já observada em outras obras como *O declínio do homem público* e *A corrosão do caráter*. O livro não entrega uma fórmula de bolo precisa para implantação de uma cidade exclusiva e somente para as pessoas, mas ensaios para se pensar a implantação harmoniosa de uma cidade com pessoas. Esse aspecto o difere suavemente de Lefebvre em sua premissa de que os pobres deveriam ser revolucionariamente os “proprietários” da cidade. Para Sennett, o caminho mais acertado é pleitear o equilíbrio constante entre o construir e habitar, acolhendo paralelamente um cosmopolitismo que nos permita “viver como um em meio a muitos, mobilizado por um mundo que não nos espelha”. É assim como se poderá realizar uma cidade “aberta” ao que tiver de acontecer espontaneamente, com benefícios de diversas grandezas para todas as partes envolvidas. ■

**Richard Sennett** é professor de sociologia na *London School of Economics* e em Harvard e, também, membro do Centro de Capitalismo e Sociedade Universidade de Columbia. Por trinta anos, trabalhou para a ONU coordenando projetos que servissem de guia para o desenvolvimento urbano no século XXI. É autor de *O artífice*, *Juntos*, *O declínio do homem público*, *A corrosão do*

*caráter*, *Carne e Pedra*, *Autoridade* e *A cultura do novo capitalismo*, dentre outros ensaios e artigos. Em reconhecimento aos seus estudos, recebeu os prêmios Hegel e Spinoza, e o doutorado honorário pela Universidade de Cambridge, entre outros.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta** [*Building and Dwelling: ethics for the city*]. Tradução de Clóvis Marques. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.